

Alguns desafios: o ensino de história, a memória, a cultura

Vera Lúcia Sabongi De Rossi¹

*Eia! pelas Musas comecemos, elas a Zeus pai
hineando alegam o grande espírito do Olimpo
dizendo o presente, o futuro e o passado
vozes aliando. Infatigável flui o som das bocas, suave.²*

(...), o som dessas vozes se tornava cada vez mais forte, e fisgava meu pensamento sem trégua, ora incisiva ora irônica e ora graciosamente enquanto eu voltava de mais um curso de formação feito para professores das séries iniciais das escolas públicas municipais de Itajubá em Minas Gerais. Foram tantos cursos, tantos lugares.

A volta de cursos tem sido o momento mais oportuno para o ex-tase (o sair de mim), favorece uma autocrítica que me permite rever intenções *a posteriori* e avaliá-las nas condições dadas enquanto ainda estão fervilhando na memória. Antes que elas se percam no “Reino do Esquecimento”, antes que eu, in-conscientemente, “perca os arquivos” das novas e das velhas desconfianças.

Pude, com o canto, desconfiar da perspectiva “crítica e ou progressista” da teoria educacional no ensino de história, ora pelo som do discurso nos encontros com educadores, ora pelos escritos contidos nos diferentes planos de

aula, Propostas curriculares de diferentes Estados, que se chocam com nossas (minhas) intenções “conscientes” de sermos e de fazermos os “Sujeitos autônomos”, “indivíduos livres”, “cidadãos críticos” que, “fazendo sua própria história”, vão transformar a realidade.

Tais palavras do senso corrente me fazem também desconfiar de sobras daquele “imperialismo missionário” (que nos fala Thompson) que contaminou toda a *intelligentsia* esquerdista do ocidente, contaminou os educadores progressistas (a mim), que na tentativa de ser cada qual mais revolucionário que o outro, ainda vivem em parte o drama da “prática teórica”, que por vezes nos isola, nos isenta de educar, onde certamente pesa a falta de experiências e critérios políticos.³

Será que essas contradições (teoria/prática) mesmo que racionalmente sejam consideradas gastas e vencidas não têm desconsiderado no ensino a contradição mais flagrante da história, que conforme afirma Le Goff,⁴ exis-

1. Doutoranda em Metodologia de Ensino, Faculdade de Educação, UNICAMP; participante do Grupo de pesquisadores do Ensino de História - UNICAMP.

2. Hesíodo, Teogonia - A origem dos deuses, Trad. Jaa Torrano, Iluminuras, SP, 1991, p. 107.

3. Thompson, E.P., “O termo ausente: experiência”, in: A miséria da teoria - ou um planetária de erros, trad. Waltensir Dutra, Zahar editores, RJ 1981, p. 204.

4. Le Goff, J. “História”, in: Enciclopédia Einaudi, vol. I, Memória e História, Casa da Moeda, Portugal, 1984, p. 169.

te entre o fato do seu objeto ser específico e o seu objetivo ser geral?

Será que essa exacerbação das generalizações não tem deixado espaço menor (ou mesmo perdido) ao *objeto* da história - ao singular, ao específico, *a diferença* que são tão fundamentais quanto as semelhanças na escola para tentar evitar o desaparecimento das culturas e a aceitação do outro, do estranho?

Em outras palavras, como ensinar história estando o educador, dentro do que se ensina, dentro do conflito de valores e de interesses (de classes), sempre contraditórios, quando são apreendidos? Como viver o desafio da busca do diferente e do igual, do particular e do universal?

Embora eu concorde com Thompson, que os fins devam ser escolhidos pela nossa cultura, que nos proporciona os próprios meios de escolher e influir nessa escolha⁵ e não fora de nós mesmos, eu não tenho sabido direito o “como fazer”. Eu não consigo desamarar o nó e responder todas essas questões, mas considero fundamental no processo dos cursos poder estar num desafio contínuo de viver na instabilidade, de viver nesse plural.

Além do mais, há outro agravante que é de hoje, mas não vem de hoje. A tecnologia de comunicações a todo momento se mira e se ajeita no espelho ideal da tecnologia norte-americana, sem precisar do canto das musas para fazer revelações, pois a própria tecnologia difunde seus projetos utópicos ultrapassando as fronteiras espacio-temporais. Cada vez mais aumenta seu poder sobre os indivíduos, sobre os sujeitos, sobre os “sujeitos” com um claro projeto universal de homem com “corpo e alma limpos” obedecendo às leis ferozes e “excluindo os imperfeitos”. Eles sabem como fazer. Há

diversos sistemas de *educação da memória*, o que trazem de novo à tona o interesse pela educação e especificamente pela noção de aprendizagem. Falsificando a memória coletiva, controlam passado e a memória nacional, assim perpetua o poder dos grupos, indivíduos, classes, que dominaram e dominam as sociedades humanas. Mas sempre sobram brechas.

Assim, sinto que o período que vivemos é privilegiado para o estudo da memória nas escolas, pois escola e memória podem compor laços fundamentais, laços que não nos deixem perder de vista que, apesar das crescentes dificuldades de intervenção da realidade, como sugere poeticamente Novalis, “a alma está ali, onde o mundo interior encontra o mundo exterior”, mas sem saber direito onde está esse “ali”.

Agora o som das vozes se eleva e me alfineta, pois as musas foram geradas como memória, mas também como esquecimento:

*Memória rainha das colinas de Eleutera
para o **oblívio de males e pausa de aflições.**
Nove noites teve uniões ela com o sábio Zeus
Longe dos imortais subindo ao sagrado leito.
Quando girou o ano e retornaram as estações
com as minguas das luas e muitos dias findaram,
ela pariu nove moças (...)*⁶

Já vai longe (?) este tempo da criação da Teogonia em que o poder máximo da tecnologia de comunicação em Hesíodo era representada pelo poeta cantor, aquele aedo que na comunidade agrícola pastoril permitia ao homem comum de seu grupo social, tivesse sua visão de mundo, tivesse consciência de sua própria história exemplar. Suas palavras cantadas davam sentido à vida dos homens. Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegria-Cora, Amorosa, Hinária Celeste e Belavoz não só deixavam mas ainda deixam mas ainda deixam fluir de suas bocas palavras de mel (ou de fel?)

5. Thompson, E.P., op. cit.

6. Hesíodo, op. cit.

Vale a pena memorizar um pouco mais (hábito hoje quase em extinção), pedindo permissão as Musas, é claro, para cantar. Eia!

O aedo com sua voz também ultrapassava as distâncias espaciais e temporais, pois Mnemosyne (Memória) havia lhe conferido este poder. Foi como o Cultor da memória que ele tinha muito poder, pois a luta de Zeus pelo poder é o centro da visão do mundo na Teogonia, ou seja, no processo cosmogônico. O poeta é o profeta que canta os deuses, heróis e fatos presentes, passados e futuros. Importante é também lembrar que do seu reino a Memória recolhe seus fatos no reino noturno do *Esquecimento* para presentificá-los pela voz das Musas. Importante um pequeno desvio esclarecer que temporalidade e espacialidade não têm na Grécia o caráter quantitativo de hoje. O tempo de Hesíodo é sempre concreto, é qualitativo, é contínuo e organiza o pensamento de forma multidirecional. A ordem é da concomitância e não de causa efeito. O Tempo circular encadeia o fim ao começo, tal como um anel, circular, que dá a idéia temporal de ano.⁷ Volto ao que incomoda.

Mas sei que a Mnemosyne transpondo o plano da cosmologia para o da escatologia separa a memória da história, assim, ao poder pela memória, também responde a destruição da memória. Percebe-se também com os gregos a evolução para uma história da memória coletiva e a conquista pelo homem de seu passado individual e a conquista pelo grupo do seu passado coletivo. No entanto hoje, porque nos ocupamos mais nas ciências humanas da memória coletiva, essa conciliação preciosa com o passado individual, com a auto-referência, quase se perdeu. Por outro lado, não foi a memória oral, o gosto por contar histórias entre as pessoas, que

predominou nas escolas, e sim a memória escrita (a do “documento”) que foi composta pelos reis para narrar seus grandes feitos que se tornou a “fronteira da história”. (Le Goff, 1984).

Certamente as musas não foram “o último rebento de uma cadeia Teogônica”. Enquanto o ônibus cruzava as fronteiras de Minas e S. Paulo, eu continuava no ritmo do tempo interior ouvindo o som do canto, desta vez irônico pois, as musas agora *dançam e gloriam a partilha e hábitos nobres de todos os (i) mortais*.

Dentre as inúmeras tentativas feitas ao longo desses anos nos cursos de formação, (aqui começa a *partilha...*), percebo que os professores, quando são estimulados a narrar partes de sua vida, possibilitam o registro de sua memória pessoal (que é também social, porque está amarrada ao grupo e a família), permitem cruzar seu modo de ser, de indivíduo, com sua cultura. Em outras palavras, ao abrir espaço para a auto-referência, essa partilha de experiências e de tempos trazem também de volta, um pouco do passado e com ele o humor, a fantasia que estavam submersos. Até mesmo a solidariedade, hoje tão desacreditada. Não porque o passado permita ao espírito conservar sua “autonomia”, ou seja revelado “tal como foi” mas, porque permite ao atual “sujeito”, ao professor, interferir nas suas “atuais” representações e por vezes desencadear outras alternativas em suas salas de aula. Nesse sentido, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens idéias de hoje, as experiências do passado. (...) O simples fato de lembrar o passado no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista”.⁸

7. Dois lembretes: As informações foram parafraseadas da Introdução de “Hesíodo-Teogonia” (op. cit.) feita pelo tradutor e as demais citações em itálico feitas a seguir neste texto foram extraídas de Hesíodo.

8. Bosi, E., Memória e sociedade, Lembrança de velhos, 2ª ed., Edusp, SP, 1987, p. 17.

Acho importante me alongar um pouco mais, e considerar que consciência individual/coletiva está ligada ao corpo e às recordações. Recordar, no sentido etmológico da palavra que vem do latim, é voltar-se para o que está centrado e conservar no cor, cord-is, no coração. Quer dizer também acordar o pensamento, o “mundo anterior” voltar-se para o que por vezes o mais coração e por vezes mais a razão guardou, preservou, resistiu a devastação do “mundo exterior”. Assim, tenho ido buscar perto, em cada professor dos diferentes tempos e espaços, as recordações que carregam os conhecimentos ainda “não cristalizados em tradições formais”, tais como recordações pessoais, sua vida profissional, seus sonhos, fantasias, recordações que envolvem grupo e familiares, conhecimentos que possam significar oposição ao conhecimento privatizado, e monopolizado por grupos que defendem os interesses constituídos controlando a memória Nacional. (Le Goff, 1984). Em outras palavras, tenho que considerar os tempos - do professor e o das crianças que vão educar, e o tempo de sua realidade no interior da estrutura capitalista.

A memória da criança é diferente da dos adultos, “é a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da escrita, das datas, da descrição dos períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência e que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas (...)”.⁹ Também o campo é rico em contradições pois, enquanto na criança a memória tem essa força da espontaneidade, a memória do adulto, quando procuramos memorizar fatos públicos, muitas vezes tem um “sabor de convenção”, de crônica oficial, pois o teor

ideológico dessa leitura social do passado no presente se torna mais visível, os juízos de valor interferem com maior insistência. (Bosi, 1987). Por isso, tento deixá-los, no início do processo, um pouco de lado.

Um ou dois exemplos. O uso da literatura infantil favoreceu esta tentativa com dois livros. Lucas, “O menino que espiava prá dentro” (Ana Maria Machado) e que mesmo acordado conseguia ver coisas que muita gente não consegue ver. Enfrenta ondas do mar agitado em um veleiro que sobe e desce vencendo a tempestade, chegando a ilhas desertas ou lutando contra piratas em abordagens perigosíssimas. Lucas também explorou cavernas do mundo de fora pois, “queria olhar bem o mundo de fora para o mundo de dentro ter mais variedade”. A dificuldade inicial maior dos professores foi a de “espiar prá dentro”, apesar da “insistência” de Lucas. Outro exemplo oportuno se deu com “A pedra arde” (Eduardo Galeano) que permitiu a cada professor dialogar com o próprio corpo como documento, através das suas cicatrizes corporais. Desta vez a motivação foi o diálogo do menino Carassuja com seu amigo, (um velho corcunda e feio) que contrariando a boa intenção do menino de fazê-lo belo e jovem, se recusou a esfregar a Pedra que faria desaparecer suas marcas corporais, seu mapa, seu passado, sua história. Outro exemplo foi o da utilização de objetos pessoais (biográficos), que os professores foram convidados a levar (fotos de familiares, peças antigas, alianças de noivado ...) para iniciarmos o diálogo de um outro jeito e iniciarmos a história da vida profissional e grupal - a história local ... Outro exemplo foram as entrevistas feitas nos bairros com as pessoas mais velhas ...

Essa reconstrução da memória se dá portanto, com a mediação de diferentes linguagens (escritas ou não), com textos de literatura, ora de história, ora de metodologia do ensino, ora

9. Id. ib., p. 33.

mais teóricos ora mais descritivo. Não faltam os momentos de recuo, onde tudo parece dar errado. É difícil conviver com valores tão diferentes que vão aflorando sem as recaídas explicativas generalizantes que me dariam mais poder (!).

É por aí que tenho tentado caminhar, não porque represente novidade (aqui não seriam só as Musas e me ironizar, alguns iluministas também engrossariam o coro), mas porque tem representado um desafio possível, aceito e valorizado pelos professores que também são desafiados pelo olhar do presente ao passado e têm desencadeado trabalhos interessantes com seus alunos... Falando de um jeito mais preciso, desconfio que este estudo pode dar margem à apreensão não só do *conflito de interesses* (que até então tinha sido meu alvo de maior insistência) mas também do *conflito de valores* que perpassa nossa existência social, trazendo, como diz Thompson, o lado mais belo de enfatizar também o próximo, o sentimento partilhado pois dá conta das experiências individuais e coletivas.¹⁰ Mas alerta o autor, não aquela moral da ficção idealista (que faz sujeitos “livres e autônomos”) mas aquela que favorece a auto-expressão individual e coletiva para a sociedade poder se expressar e não simplesmente obedecer as regras e as razões do capital. Aquela consciência que favoreça a autocrítica constante para podermos rever valores e critérios políticos que permitiam desconfiar da carga totalitária (dirigida ao uno) de nossos planejamentos de cursos, para professores ou alunos, porém sem cair em defesa do irracionalismo, ou de etnocentrismos, que seria tão devastador quanto a pressão da ciência.

Não só para ilustrar tal pressão, mas para alimentar um pouco mais as desconfianças sobre (in) significância da educação e sobre a “perspectiva crítica” do ensino de história, vou usar as palavras duras, do geneticista brasileiro Oswaldo Frota Pessoa: “existe um tabu contra melhorar a espécie humana, só que há séculos, através do ambiente, da educação, *nós fazemos isso*. A educação é a alteração sistemática do indivíduo. Por que não alterá-los pelo genes?”¹¹ Nós fazemos isso?

As musas pela voz do aedo, cantam também essa desconfiança:

*Alegrai agora, habitantes do palácio Olímpico,
ilhas e continentes e o salgado mar ao meio
Cantai agora o grei de Deusas, voz de doce voz.
Musas Olímpíades virgens de Zeus porta-égides:
quantas deitando-se com homens mortais
imortais pariram filhos símeis aos Deuses.*

Ao mesmo tempo, cabe o alerta de Sfez,¹² nas utopias atuais tanto quanto nas clássicas, os projetos globalizantes têm uma lógica autoritária. Fundados “cientificamente”, buscam uma vida no planeta - da saúde perfeita -, que visa excluir os “seres imperfeitos”, pois “alma e corpo devem ser limpos e obedecer as leis ferozes”. Esse retorno artificial à origem, ao estado de graça original, ao Éden, que tem que ser reinventado, e se dará por meio da técnica. Tal como na concepção americana da natureza e do controle do corpo. As culturas tradicionais, diz o autor, serão cada vez mais atropeladas pela razão étnica sem limites de fronteiras, pois fazem da saúde perfeita hoje o único projeto universal do homem. Começou a era da discriminação pelos genes (Projeto de Genoma

10. Cf. Thompson, op. cit., p. 189.

11. Bonalume, R. Neto, Empresas compram patentes de genes, in: Caderno “Mais”, F. de S. Paulo, 05/04/96, p. 5, grifos meus.

12. Sfez, L., “A utopia do século XXI”, in: Caderno “Mais”, Folha de S. Paulo, 05/04/1996.

Humano), pelas instituições (desde escolas, empresas, cias. de seguros, sistema judicial, forças armadas, e Estado em geral), aumentando seu poder sobre os indivíduos, que passam a ser conhecidos como genomas saudáveis.

Nesse ponto, tenho (mos) uma desvantagem em relação ao poeta cantor, aquele guardião da memória, que sabia evitar o Esquecimento: ele *dava também sentido a vida*, embora cantando os deuses, os fatos, os heróis, pois descobriu há mais tempo que na fonte da memória havia a fonte da imortalidade.

O desafio de buscar viver a contradição mais flagrante da história que diz respeito a singularidade do seu objeto e generalidade dos seus objetivos, significa garantir o espaço da *diferença* no ensino de história(s) - embora eu não saiba direito “como”. Significa tentar facilitar o reconhecimento do outro, - do homem planetário -, sem fazer da diferença uma nova doxa, ou seja, sem desconsiderar as semelhanças e os acasos. Significa questionar o “sujeito”, deixando um lugar mais humilde ao professor, e significa também que a “resistência” pode adquirir um perfil diferente, distante imperialismo missionário, menos direcionado ao uno, a homogeneidade ao universalismo, ao dogma. Talvez assim, vivendo no plural (nem sempre confortável) possamos nos opor também em sala de aula ao Esquecimento que tem devastado a experiência humana e com ela a memória, as culturas.

Será que agora ouço, tal como Campbell, vindo de algum lugar que não está em lugar algum, o som terrível de uma gargalhada olímpica?

Não estou convocando os deuses só para esclarecer contradições pessoais/profissionais (por vezes coletivas) do ensino de história nos

cursos de formação de professores, apesar de reconhecer que o politeísmo talvez pudesse facilitar o acolhimento do outro. É importante também lembrar que sociológica e psicologicamente, as imagens que a mitologia traz e o grau de sua abertura do espaço interior são uma função do espaço exterior que elas abrem. Todas as mitologias são obras de arte. O culto e o costume locais podem abrir a mente e o coração ao mundo, pois diz Campbell, *o profeta verdadeiro* (quicá o educador verdadeiro?), era aquele que *conhecia a diferença* entre suas idéias étnicas (locais) e as idéias elementares (universais, comum a todos) que elas abrangem, entre uma metáfora e sua conotação, entre o mito tribal e seu valor metafísico. Pois, quando o olho inteiro desperta e surge do espaço interior uma revelação para corresponder às impressões trazidas do espaço exterior pelos sentidos até a mente, a significação da conjunção se perde, a menos que a imagem exterior se abra para receber e incorporar a idéia elementar: é esse todo o sentido da transformação da natureza em arte. Sem isso nada aconteceu (...).¹³

Eia! vezes aliando, peço permissão às Musas para terminar.

13. Campbell, J., *A extensão interior do espaço exterior: a metáfora como mito e religião*, trad. Waltensir Dutra, RJ: Campus, 1991, pp. 23 a 26.